

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

**TRAJETÓRIA DE ENEDINA ALANO DA ROSA:  
UMA EDUCADORA NEGRA NO SUL CATARINENSE**

**KELLY CRISTINA FERNANDES DA ROSA**

*Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC  
Programa de Pós-graduação em Educação*

**GLADIR DA SILVA CABRAL**

*Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC  
Programa de Pós-graduação em Educação*

**Resumo:** Procurei focar, nesta pesquisa, o trabalho da professora Enedina Rosentina Alano da Rosa, afro-descendente, militante política, educadora e religiosa. O interesse por estudar e compreender a atuação dessa professora negra, sua presença no magistério durante 50 anos, ao longo de sua história, surgiu por influência de um número significativo de pesquisas a respeito de outros educadores negros do Brasil. Assim, os estudos das relações raciais na educação, especialmente na abordagem gênero e etnia, têm sido o eixo central deste trabalho.

**Palavras-chave:** gênero, educação; negritude

**TRAJECTORY OF ENEDINA ALANO DA ROSA:  
A BLACK EDUCATOR IN CATARINENSE SOUTH**

**Abstract:** This paper focus on the life of Enedina Rosentina Alano da Rosa, an African-Brazilian woman, teacher, politically and religiously engaged. My interest in studying the story of this Black professor, her trajectory in the teaching career during fifty years, started under the influence of many interesting articles about other Black educators published in Brazil. Thus, this work centers on the study of racial relations in education, specially considering in approaches concerning gender and ethnicity.

**Keywords:** gender; education; blackness

## 1- INTRODUÇÃO

O interesse por estudar e compreender a atuação das professoras negras, sua presença no magistério ao longo da história e suas vivências com o preconceito vem surgindo diante de um número significativo de pesquisas realizadas no Brasil.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Paulatinamente, educadores têm construído grupos de estudos sobre a temática das relações raciais na educação e vários resultados de pesquisa têm sido publicados.

Dentro desse contexto, senti a necessidade de investigar a atuação de uma educadora negra: **Enedina Rosentina Alano da Rosa**, reconstruindo as memórias de sua identidade afro-descendente e suas ações pedagógicas nos municípios do sul catarinense. Além de investigar a atuação da professora Enedina, considero de vital importância dar visibilidade à mulher negra educadora, bem como ressignificar sua identidade. Desse modo, pretendo reconstruir a história de uma mulher negra no espaço educacional, na condição de sujeito da sua própria história.

A coleta dos dados empíricos foi feita primeiro com arquivos das escolas por onde Dona Enedina passou, matérias publicadas nos jornais locais, relatos de experiências escritos por ela e ainda pelos depoimentos realizados com as filhas Onélia Alano da Rosa<sup>1</sup> e Oneide<sup>2</sup>.

## 2- PERCURSO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DE ENEDINA

A catarinense natural da histórica cidade de Laguna, Enedina Rosentina Alano da Rosa, nasceu no dia 10 de novembro de 1906. Filha de Teodora Alano, mãe solteira, foi criada pela avó Leopoldina Alano, que a incentivou a estudar para ser professora. Era filha única e o orgulho da família Alano.

Segundo Onélia, a avó queria colocar o nome de Enedina, porém o avô, Rosentina, ficando denominada Enedina Rosentina. “Tanto que ela queria Enedina e o avô queria Rosentina. Na briga, daqui e dali, ficou Enedina Rosentina Alano.”

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida em setembro de 2008.

<sup>2</sup> Entrevista concedida em março de 2009.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

De acordo com o depoimento de Oneide,<sup>3</sup> o sobrenome Alano representava ascensão social da família lagunense, mas ao mesmo tempo o rompimento da noiva/namorada (Teodora), que não conseguiu romper o lugar de subalternidade, ao qual estava destinado não só a ela, mas as mulheres negras da época.

A mãe dela era mãe solteira, era lavadeira. Era mãe solteira porque a avó por parte de pai, não deixou casá com a vó lavadeira porque era pobre. Eles eram uns negros da Laguna pianista, tinham loja de piano, armazém. Eles eram uns negros ricos de Laguna, os Alanos.

Enedina estudou na Escola de Educação Básica Jerônimo Coelho<sup>4</sup> de 1915 a 1922, cursando do 2º ao 4º ano primário, como também o Ensino Complementar. “Fiz os Cursos Primário e Complementar no Grupo Escolar Jerônimo Coelho, da minha cidade natal.”<sup>5</sup>

Não há registro de que Enedina tenha cursado o primeiro ano na escola regular. O que se sabe, segundo o histórico da instituição, é que havia uma professora que alfabetizava as crianças da localidade.

Vê-se no Livro de Registro de Exames que a aluna Enedina frequentou a escola a partir dos 9 anos em anos alternados, o que talvez tenha dificultado bastante sua passagem pela escola, pois a menina não pode frequentar regularmente o ensino primário.

### 3- RECONSTRUINDO A HISTÓRIA PROFISSIONAL DE ENEDINA

Enedina iniciou as atividades educacionais na Escola Isolada Roça Grande, localidade de Roça Grande, município de Imbituba (SC). Segundo relatório escrito pela própria Enedina antes de falecer: “Aos 21 de agosto de 1924, fui nomeada por telegrama,

<sup>3</sup> Oneide da Rosa. Entrevista concedida a Kelly Cristina Fernandes da Rosa em março de 2009, na cidade de Criciúma.

<sup>4</sup> Fundado durante o governo de Vidal Ramos (1910-1914), esse grupo escolar foi comandado de 1911 a 1913 pelo professor Orestes Guimarães, vindo de São Paulo. Nesse período instalou-se e organizou as escolas nas cidades de Laguna, Lages, Itajaí, Blumenau e Joinville.

<sup>5</sup> Relatório escrito por Enedina Alano da Rosa encontrado na casa da filha Onélia da Rosa.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

para lecionar na localidade de Roça Grande, município de Imbituba. Assumi no dia 26 de agosto do mesmo ano, lecionando até 23 de abril de 1930”.<sup>6</sup>

Com isto pode-se constatar que a educadora negra atuante nesse município catarinense rompeu com os estereótipos impostos às mulheres negras no início do século, tornando-se professora aos 18 anos.

É necessário reconhecer, no entanto, a invisibilidade a que está sujeita a mulher negra e professora em sua história de luta e resistência. De fato, Enedina junto com todas as mulheres negras sofreram e sofrem duplo preconceito: o de gênero e o étnico. Diante dessa resistência, Enedina afirmou sua identidade, que foi historicamente reconstruída na história da educação do sul catarinense.

A segunda escola em que Enedina lecionou foi a Escola Reunida Professor Olímpio Córdova Valente,<sup>7</sup> na localidade de Samambaia, Imaruí (SC). Como se pode comprovar em outro documento comentando sobre essa época, Enedina escreve o seguinte: “Fui removida para a escola estadual da Samambaia no município de Imaruí, digo mista, aos 24 de abril de 1930, onde fiquei até 1945”.

Nessa época, Enedina deparou-se com a discriminação profissional quando foi rejeitada pela comunidade de Pescaria Brava, tendo de permanecer em Samambaia. A ‘perseguição’ a que se refere a professora eram a discriminação racial e a perseguição política. Assim, de acordo com o depoimento da própria Enedina: “Fui removida para a localidade de Pescaria Brava, município de Laguna. Por perseguição política e

---

<sup>6</sup> Relatório escrito pela professora Enedina e entregue à câmara dos Vereadores de Criciúma a fim de receber o título de cidadã honorária deste município.

<sup>7</sup> Localizada na comunidade de Samambaia, no município de Imaruí, a Escola Reunida Professor Olímpio Córdova Valente, segundo o **Livro de Registros** e o Plano Político-Pedagógico da instituição, iniciou suas atividades como uma escola mista, funcionando em três casas.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

preconceitos, não me foi possível ficar, nessa localidade (1930)”.<sup>8</sup> Enedina revela plena consciência do processo excludente e racista a que estava sujeita.

Tal situação faz-me perceber quanto preconceito Enedina sofreu na sua vida adulta. De fato, o fenótipo foi o elemento definidor para as marcas do racismo presentes nos indivíduos daquela localidade (Pescaria Brava). Essa é a única vez que se encontra registrado nos depoimentos<sup>9</sup> de Enedina a afirmação de que sofreu rejeição pelo fato de ser negra. Curiosamente, ela reconhece a discriminação como sendo por “perseguição política”. Isso pode nos fazer lembrar o que afirma Oliveira ao dizer:

As mulheres negras e mestiças, de classe média em geral, descobrem tardiamente as dimensões do ser negra em nossa sociedade, às vezes somente no fim da adolescência ou já na idade adulta, quando sofrem discriminações na escola ou no trabalho, ou nas relações afetivas com homens negros e brancos. (p. 38)

Analisando os depoimentos deixados pela professora, constatou-se que ela possuía um cargo que era sinal de *status* elevado diante de uma situação de desigualdade racial e de gênero.

A Escola Isolada Farroupilha, pertencente ao Distrito de Barro Branco, iniciou suas atividades em 11 de maio de 1945. Quatro meses depois, dona Enedina foi transferida para essa instituição de ensino. Isso se pode constatar no seu depoimento: “Fui então removida para escola estadual de Farroupilha 1, município de Orleães para localidade de Rio Queimado, assumindo no dia 27 de junho de 1945; lecionei até 18 de setembro de 1949, data essa da minha aposentadoria”.

<sup>8</sup> Relatório escrito pela professora Enedina e entregue à câmara dos Vereadores de Criciúma a fim de receber o título de cidadã honorária deste município.

<sup>9</sup> Documento escrito por Enedina antes de falecer em janeiro de 1996, encontrado na câmara dos vereadores de Criciúma. Tal relatório foi escrito quando Enedina recebe o título de cidadã honorária de Criciúma, encaminhado pelo então vereador negro Manoel Satiro Bitencourt.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

Enedina chega a Criciúma após dedicar-se 25 anos ao ensino. Nesse município, Enedina desempenhou papéis de mãe, professora e militante política, que ficaram definidos e instituídos pela sociedade.

Segue-se o seu depoimento deixado na Câmara dos Vereadores de Criciúma:

Tendo chegado em Criciúma, seguindo a minha vocação. Comecei a lecionar particular (em casa). Eis que faleceu a professora do Curso Supletivo de Alfabetização de Adultos e Adolescentes da Vila Operária, que devido ser correligionária dos partidos já mencionados (UDN e PTB), o Sr. Heriberto Hülse, conseguiu que eu substituísse, começando a lecionar dia 2 de maio de 1953 até 30 de abril de 1978.

O senso do exercício do professorado como ‘vocação’, não como profissão simplesmente, revela indícios de uma mentalidade prevalecente no passado sobre o sentido vocacional do exercício do trabalho do professor, uma profissão de *status* na época. Já o envolvimento político de Enedina, suas ligações com Heriberto Hülse, revela ativismo político de caráter partidarista, como também domínio da linguagem argumentativa e oficial.

Na história dessa educadora, marcada pelo compromisso com a cidadania, o papel de alfabetizadora dos operários trabalhadores revela o caráter social (ensinava numa salinha nos fundos da casa) da profissional da educação. Vejamos seu depoimento:

Em 26/08/24 iniciei minha carreira de professora por vocação. Após completar 25 anos de magistério, dediquei meus conhecimentos para ajudar os jovens e adultos de Criciúma a tornarem-se pessoas estudiosas e desenvolvidas cultural e politicamente. Quando do falecimento da professora do curso de alfabetização de adultos e adolescentes da Vila Operária em 1953, assumi a responsabilidade do referido curso, sendo designada anualmente e paga pelo tesouro do Estado.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Vê-se que após a aposentadoria, Enedina se engajou na responsabilidade social, alfabetizando jovens e adultos. Diante disso, a alfabetizadora mostrava-se ativa, desafiando as autoridades que estava ali naquele projeto pessoal, mas ao mesmo tempo coletivo para anunciar que uma mulher negra realizava uma atividade emancipadora para a vila Operária.

Já no que diz respeito à ‘vocação’ de que enfatiza a professora, isso faz-nos refletir o quanto a prática social do magistério na escola a elementar é vista por muitas mulheres como ‘vocação’. Assim, de acordo com Chamon (2005, p. 66):

A vinculação entre ação educativa e catequética, entre a figura da educadora e da missionária passou a associar-se à imagem da mulher, na qual as principais qualidades deveriam ser a virtude, o amor e o desapego às recompensas materiais.

Vê-se, neste caso, que o lugar da mulher passou a ter destaque dentro da família. Isto porque ela assumiu uma nova ‘roupagem’ no imaginário público e privado, tanto em nível educacional e religioso quanto em nível político.

Sabe-se que não houve obstáculos para a professora na dedicação ao ensino de jovens e adultos num bairro de operários (Operária Nova), e estes tinham dificuldades a serem superadas, tais como: conquistar o emprego e votar nas eleições. Será que o papel da professora Enedina se tornou fundamental para ‘politizar’ os alunos para o exercício da cidadania? Sabe-se, no entanto, que esse exercício da cidadania era ideologicamente conduzido, já que a educadora era militante política nesse município, ou seja, ensinava jovens e adultos a votar induzindo determinado candidato.

Quanto ao ‘desenvolvimento cultural’ de que fala a professora, é necessário primeiro entendermos que “cultura é considerada uma forma de produção, especificamente como formas nas quais os seres humanos compreendem suas vidas, sentimentos, crenças, pensamentos e a sociedade mais ampla” (Giroux, 1987, p. 65). Desse modo, a professora



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

não pretendia apenas que os estudantes acumulassem conhecimentos, mas que adquirissem valores éticos e sociais que pudessem ser transmitidos às futuras gerações.

De fato, há que se registrar que Enedina nunca trabalhou em escolas de prestígio nas cidades por onde passou, mas sempre em grupos escolares pequenos, escolas básicas e rurais, mesmo em Criciúma, quando chega já aposentada. A ela foi permitido ocupar espaços de periferia (escolas isoladas e reunidas), e jamais colégios de tradição, públicos, confessionais ou particulares.

Dessa maneira, a militância pela educação formal no município de Criciúma teve uma participação relevante de dona Enedina, e ela ainda participou de movimentos sociais. Sua experiência na educação deu-lhe a percepção das diferenças étnico-culturais e suas implicações políticas, o que a levou à tomada de consciência quanto aos seus direitos e deveres de cidadã e à percepção da complexidade dos conflitos das relações raciais na sociedade brasileira.

O fato de Enedina ajudar as crianças no exame de admissão mostra não só a sua polivalência nos conteúdos da grade curricular, mas também revela que estava ali, que não queria ser totalmente invisível na sociedade.

Apesar de todas as dificuldades e barreiras, Enedina consegue ascender, não só profissionalmente, mas também socialmente, pois se tornara uma forte liderança religiosa e política. Por outro lado, havia o cuidado com os filhos que desejavam não só atenção da mãe, mas precisavam do trabalho dela para o seu sustento.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da situação da mulher negra professora da qual me aproximei demonstra que, mesmo com a formação escolar em uma instituição de ensino renomada na época, e mesmo possuindo qualificação, a mulher negra se tornou invisível na história oficial do sul catarinense. Observou-se ainda que essa mulher negra não esteve imune aos tratamentos



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

discriminatórios destinados aos negros e à mulher em nossa sociedade. Isso repercutiu duplamente na sua inserção no mercado de trabalho quando Enedina foi transferida para a comunidade de Pescaria Brava.

Pôde-se verificar que a alfabetizadora negra falou de si mesma nos depoimentos, na sua trajetória escolar, nas lutas, nas expectativas, decepções e conquistas. Esses fatos fizeram com que a educadora rompesse o silêncio não só da questão racial nas escolas, sendo professora negra, como também o duplo bloqueio gênero/etnia.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAMON, Magda. **Trajatória de feminização do magistério**: ambigüidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CRICIÚMA. Decreto Legislativo nº 004/96, 13 de março de 1996. Concede o título de cidadã honorária, “in memoriam” a Enedina Rosentina Alano da Rosa. Câmara municipal de Criciúma, assessoria jurídica. Autor: vereador Manoel Satiro Bithencourt.
- ESCOLA BÁSICA JERÔNIMO COELHO. Histórico Escolar. Laguna, 2001.
- GIROUX, Henry. **Escola Crítica e Política Cultural**. São Paulo: Cortez, 1987.
- OLIVEIRA, Eliana de. **Mulher Negra**: trajetória, conflitos e identidade. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.
- ROSA, ENEDINA ROSENTINA ALANO. Relatório escrito em próprio punho. Criciúma, 1980.
- ROSA, ENEDINA ROSENTINA ALANO. Relatório escrito em próprio punho à Câmara dos Vereadores de Criciúma. Criciúma, 24 de outubro de 1995.
- ROSA, Onélia Alano. Entrevista concedida a Kelly Cristina Fernandes da Rosa. Criciúma, 20 de setembro de 2008.
- ROSA, Oneide Alano. Entrevista concedida a Kelly Cristina Fernandes da Rosa. Criciúma, 10 de março de 2009.

Recebido: 01/06/2010

Aceito: 10/06/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)